

## O INTERCÂMBIO ACADÊMICO DA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DO *SOFT POWER* DO PAÍS

### ACADEMIC EXCHANGE AT THE AIR FORCE ACADEMY AS A TOOL FOR DEVELOPING THE COUNTRY'S SOFT POWER

Daniella Duarte Araújo de Souza<sup>1</sup>

Maria Cláudia de Jesus Machado<sup>2</sup>

Ana Carolina Aparecida Marques Soares<sup>3</sup>

#### RESUMO

Dentre as novas dinâmicas e manifestações de poder internacional criadas pelo cientista político norte-americano e teórico de relações internacionais Joseph Nye, destaca-se o conceito de *soft power*. Este se refere a uma nova forma de poder mais branda, teoricamente menos agressiva, porém muito abrangente e influente. Esta forma de poder é capaz de seduzir e atrair a partir de valores, ideologias e políticas de um país, ganhando a atenção e até mesmo a admiração de outros por seu estilo de vida, produtos e cultura. Tendo isso em vista, os programas de intercâmbio também podem ser importantes ferramentas de disseminação de cultura, uma vez que colaboram para a construção do *soft power*. Sendo assim, de forma a compreender a influência que o intercâmbio acadêmico que ocorre na Academia da Força Aérea é capaz de exercer sobre o *soft power* do país, como um mecanismo de fortalecimento da diplomacia, foram utilizados dados documentais e bibliográficos para introduzir, primeiramente, o conceito de poder na visão de diversos pensadores. Foi aprofundada, também, a definição de *soft power* e sua presença nas considerações de algumas personalidades ao longo da história, antes mesmo de Nye introduzi-la. A importância do fator linguístico e o papel dos intercâmbios para o conhecimento cultural e, conseqüentemente, para a criação de uma relação de interesse mútuo, também obteve bastante destaque na elaboração deste trabalho. Além disso, foram utilizados dados coletados por meio de questionários aplicados aos Cadetes brasileiros do Curso de Formação de Oficiais (CFO), participantes dos intercâmbios acadêmicos entre a Força Aérea Brasileira e as Forças Aéreas de nações amigas, e aos oficiais com experiência nesta área.

**Palavras-chave:** *soft power*; intercâmbio acadêmico; diplomacia.

---

<sup>1</sup> Aspirante do Quadro de Oficiais Aviadores da Força Aérea Brasileira. E-mail: [jaq.dani.carlos@gmail.com](mailto:jaq.dani.carlos@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Mestre em Ciências Aeroespaciais pela Universidade da Força Aérea (UNIFA). Docente de Língua Espanhola. Academia da Força Aérea. E-mail: [mariaclaudiamcjm@fab.mil.br](mailto:mariaclaudiamcjm@fab.mil.br).

<sup>3</sup> Mestre em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: [anacarolinasoares@gmail.com](mailto:anacarolinasoares@gmail.com).

## ABSTRACT

Among the new dynamics and manifestations of international power created by the American political scientist and international relations theorist Joseph Nye, the concept of soft power stands out. This form of power that is softer, theoretically less aggressive, but very comprehensive and influential. It is able to seduce and attract based on a country's values, ideologies and policies, gaining the attention and even admiration of others for its lifestyle, products and culture. With this in mind, exchange programs can also be important tools for disseminating culture, as it contributes to building soft power. Therefore, in order to understand the influence that the academic exchanges that take place at the Air Force Academy can have on the country's soft power, as a mechanism for strengthening diplomacy, documentary and bibliographic data were used to first introduce the concept of power in the view of various thinkers. The definition of soft power and its presence in the considerations of some personalities throughout history, even before Nye introduced it, were also explored in depth. The importance of the linguistic factor and the role of exchanges in cultural knowledge and, consequently, in the creation of a relationship of mutual interest also featured heavily in this work. In addition, data was collected through questionnaires applied to Brazilian cadets in the Officer Training Course (OTC), participants in academic exchanges between the Brazilian Air Force and the air forces of friendly nations, and officers with experience in this area.

**Keywords:** *soft power*; academic exchange; diplomacy.

## INTRODUÇÃO

A definição de poder passou por um processo evolutivo ao longo dos anos, sendo abordada e analisada por diversos teóricos e filósofos com perspectivas distintas, como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Max Weber, Michel Foucault e Hannah Arendt. Entretanto, o conceito de poder apresentado pelo cientista político norte-americano e teórico de relações internacionais Joseph Nye traz uma nova dinâmica e manifestação desta concepção. Em seu livro *Bound to Lead*, introduziu os conceitos de *soft power* e *hard power*, sendo o primeiro o principal foco deste trabalho.

Para Nye, o *soft power* é a “habilidade de atração e persuasão de uma nação” (Nye, 2004, s/p, tradução livre)<sup>4</sup>, contrastando-se ao *hard power*, que se baseia em ameaças, coerção e outros meios de violência. Segundo o diplomata britânico Robert Cooper, “grande parte dos Estados mais poderosos já não querem mais lutar ou conquistar” (Cooper, 1996 *apud* Nye, 2002, p. 6, tradução livre)<sup>5</sup>, mas sim procuram no *soft power*, a capacidade de exercer sobre os demais Estados a “atratividade de sua cultura, ideais políticos e políticas”

---

<sup>4</sup>Tradução livre de: “a nation's ability to attract and persuade” (Nye, 2004, s/p).

<sup>5</sup>Tradução livre de: “a large number of the most powerful states no longer want to fight or to conquer” (Nye, 2002, p. 6).

(Nye, 2004, p. 10, tradução livre)<sup>6</sup>.

Dessa forma, os programas de intercâmbio podem ser utilizados como um exemplo de disseminação cultural e uma das ferramentas para a construção do *soft power* de um determinado país, pois, de acordo com McClory, “a capacidade em atrair estudantes ou acadêmicos, bem como facilitar os intercâmbios, é uma ferramenta poderosa da diplomacia internacional” (McClory, 2015, p. 21)<sup>7</sup>.

Assim como em diversas outras instituições, a internacionalização do ensino por meio da mobilidade acadêmica também é uma realidade em contextos militares, como na Academia da Força Aérea (AFA). Para os intercambistas, além do aprendizado individual, há também diversos outros benefícios, como o desenvolvimento da autoconfiança, amadurecimento, independência, capacidade de relacionar-se e sentir-se um cidadão global, permitindo conhecer hábitos diferentes e específicos e, conseqüentemente, abrindo novas perspectivas (Périco; Gonçalves, 2018). Entretanto, no âmbito militar, sua principal finalidade não se restringe em apenas fortalecer as habilidades linguísticas e culturais dos militares, mas também amplia o entendimento e a interoperabilidade entre a Força Aérea Brasileira (FAB) e as Forças Aéreas das nações amigas.

Apesar do importante papel que os intercâmbios têm em preparar da melhor forma possível os futuros oficiais para o contexto internacional no qual deverão realizar as suas missões, poucos entendem o impacto que esta experiência é capaz de trazer ao destino de um país. Sendo assim, este trabalho tem como foco responder à seguinte indagação: de que modo o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA) e as nações amigas, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil?

Para isso, foram utilizados documentos, como a Estratégia Nacional de Defesa, o Livro Branco de Defesa Nacional e a Concepção Estratégica de Força Aérea 100, assim como dados referentes ao intercâmbio realizado pelos Cadetes brasileiros na Academia Militar da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e na *Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez da Colômbia* (EMAVI), durante aproximadamente seis meses. Além disso, obtiveram-se dados a partir de questionários aplicados aos oficiais brasileiros com experiências relacionadas a esta área. Posteriormente, com base na análise dos dados

---

<sup>6</sup>Tradução livre de: “It arises from the attractiveness of a country's culture, political ideals, and policies” (Nye, 2004, p. 10).

<sup>7</sup>Tradução livre de: “The ability of a country to attract foreign students, or facilitate exchanges, is a powerful tool of public diplomacy” (McClory, 2015, p. 21).

coletados a partir das fontes citadas, foi esclarecido se o *soft power* está presente neste processo.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 PODER

A definição de “poder” é complexa e admite diversas formas de interpretação, visto que, ao longo da história, muitos estudiosos buscaram estudar e entender as relações de “poder” segundo suas perspectivas. Com isso, antes de adentrar diretamente na definição de poder abordada por Nye (1990), torna-se relevante introduzir brevemente alguns conceitos, assim como a evolução do pensamento acerca deste.

Na visão de Hobbes (2003), é necessário que haja um poder absoluto, o Estado, viabilizando tanto a preservação pessoal quanto a harmonia coletiva na sociedade. Em sua perspectiva, se todos possuírem o mesmo poder, ele perderá o seu significado (Herb, 2013). Neste contexto, o poder, além de suas várias outras motivações, tem uma finalidade positiva, suprimindo o medo entre os indivíduos e pacificando suas relações, pois “somente esse poder está em condições de estabelecer a paz entre os homens” (Herb, 2013, p. 273).

Em *O Príncipe*, Maquiavel (2019) apresenta uma análise do poder na esfera política que permeia o Estado, formado, principalmente, por uma interação de forças. Tal interação está enraizada na dualidade, por um lado, entre o desejo ao controle e à opressão, por parte dos líderes e mais poderosos e, por outro, o anseio por liberdade pelo povo, moldando, assim, as dinâmicas sociais (Winter, 2006).

Assim como os filósofos supracitados, Weber (1991) também apoia a presença de um Estado detentor do poder, entretanto deixa claro que a obediência da população perante tal autoridade é primordial para sua existência. Da mesma maneira, para que esta obediência aconteça, é necessário que o poder seja considerado legítimo, sendo capaz de impor, desta forma, suas vontades. Tal dominação pode variar conforme a legitimidade apresentada pela autoridade, seja ela carismática, tradicional ou racional-legal. O poder carismático baseia-se sobretudo na lealdade do povo, ao reconhecerem no líder atributos e virtudes que o façam ter sua autoridade reconhecida. Já o poder tradicional é válido de acordo com uma tradição tida como legítima. O poder racional-legal limita-se à regra e procedimentos já criados, validando a autoridade do líder pela obediência fundamentada nestas leis (Weber, 1991).

Por outro lado, Foucault (1982) defende que o poder não está apenas relacionado à dominação exercida por um grupo ou indivíduo sobre uma classe subordinada, mas sim a uma relação social complexa. De acordo com esse filósofo, o poder pode ser manifestado em práticas cotidianas, não se restringindo apenas a instituições políticas formais. Em sua visão, o poder não é estático, mas dinâmico, permeando, dessa forma, todas as esferas da sociedade, moldando as percepções, ações e relações interpessoais (Herb, 2013).

Já Arendt (2009) critica a violência utilizada na manifestação de poder e o define como:

[...] o Poder é, de fato, essencial a todos os Estados, inclusive a todos os tipos de grupos organizados, ao passo que a violência não o é. A violência é instrumental por natureza; assim como todos os meios e instrumentos, requer um fim, que orienta e justifica seu uso. [...] A violência bruta ocorre quando se perde o poder” (Arendt *et al.*, 2009 *apud* Herb, 2013).

A autora considera contraditória a associação feita entre violência e terror como demonstração de poder, pois considera a agressão um desvio e marco da perda de tal força. Arendt, apesar de corroborar a indispensabilidade do poder para os Estados, expressa a necessidade de uma grande mudança na estrutura da sociedade no que concerne à visão vigente de poder (Herb, 2013).

## 1.2 *SOFT POWER*

Prosseguindo com a diversidade de pensamentos e definições, adentra-se no conceito abordado por Nye (1990), que estabelece, por meio de seu conhecimento sobre relações internacionais, uma nova dinâmica de poder, baseando-se principalmente no comportamento norte-americano. Para ele, a principal forma de manifestação de poder utilizada, muitas vezes durante a história, foi baseada no uso da força para a demonstração do poderio militar e econômico, chamado de *hard power* ou poder bruto, caracterizado por aspectos coercitivos e violentos, a fim de submeter suas vontades a outras nações. Em contraste ao *hard power*, Nye aborda o *soft power* como uma nova forma de relacionamento entre os países, em que a influência exercida ocorre por meio de um processo de persuasão e atração, em que “[...] os recursos que produzem *soft power* surgem em grande parte dos valores que uma organização

ou país expressa na sua cultura, nos exemplos que dá pelas suas práticas internas e políticas, e na forma como gere as suas relações com os outros” (Nye, 2004, p. 8, Tradução livre )<sup>8</sup>.

Em sua análise, considerou aspectos além dos recursos materiais (população, território, Produto Interno Bruto e Forças Armadas). Apresentou, também, o início de uma possível mudança dentro das relações internacionais causada pela globalização, o fim da Guerra Fria e o notável grau de interdependência econômica. Sua obra abordou, ainda, outro importante fator que influenciou essa mudança: a revolução da informação, que passou a exercer um papel relevante de poder, ocasionando grande impacto na manutenção ou na criação de um poder nacional.

Segundo Nye (1990), tais fatores alterariam a manifestação do poder e sua forma de avaliação. Logo, as teorias de relações internacionais conhecidas não seriam capazes de compreender toda a complexidade deste sistema. Por esta razão, o autor argumenta a necessidade de uma ressignificação do conceito que leve em consideração sua característica comportamental e também uma característica baseada em suas fontes.

Após alguns anos da publicação de *Bound to Lead* (1990), introduzida previamente, Nye retoma seu pensamento sobre a importância do *soft power* ao apresentar o paradoxo da América, esclarecendo que o poderio norte-americano, apesar de muito grande para ser desafiado por outras nações, não seria capaz de alcançar suas metas agindo de forma isolada (Nye, 2002).

Em obras seguintes, destaca, novamente, a relevância do *soft power* na formação da política externa dos Estados Unidos da América (EUA) após os atentados de 11 de setembro (Nye, 2004). Dessa forma, declara que os EUA exerceram grande influência por muito tempo devido ao seu *hard power*, entretanto, a cultura, os ideais e os valores estadunidenses também foram essenciais para conquistar e atrair aliados. No entanto, o autor reconhece os limites dessa forma de poder, pois o *soft power* demonstra resultados difusos internacionalmente e não é facilmente utilizado para o alcance de objetivos específicos. Portanto, ao mesmo tempo que enfatiza a necessidade de se compreender os benefícios que o *soft power* oferece, considera que a força militar não é dispensável nem menos importante.

Apesar desta visão fundamentada por Nye, existem aqueles autores que não a apoiam. Na obra *An End to Evil: How to Win the War on Terror* (2004), Perle; Frum rejeitam

---

<sup>8</sup>Tradução livre de: “the resources that produce soft power arise largely from the values that an organization or country expresses in its culture, in the examples it gives through its internal practices and policies, and in the way you manage your relationships with others” (Nye, 2004, p. 8).

completamente o conceito de *soft power*, argumentando que as ações de *hard power* realizadas pelos Estados Unidos foram e ainda são extremamente necessárias, apoiando, dessa forma, o uso de ações militares e ignorando uma abordagem mais diplomática. Elucidam, também, que o *soft power* é irrelevante para um país sem adversários com poderio militar à altura. Ambos abordam uma filosofia em que apenas a força militar é capaz de alcançar certos objetivos internacionais, desconsiderando a existência de uma importância mútua entre o *hard power* e o *soft power*.

O conceito de *soft power* defendido por Nye é classificado como a “capacidade de uma nação de atrair e persuadir” (Nye, 2004, s/p, tradução livre)<sup>9</sup>, por meio da diplomacia, utilizada como base, e também mediante à apresentação de seus valores culturais, seus ideais políticos e suas políticas, sem excluir a necessidade dos poderes militar e econômico.

Nye ainda afirma que

Quando os países legitimam o seu poder aos olhos dos outros, encontram menos resistência aos seus desejos. Se a cultura de um país e a ideologia são atraentes, outros seguem com mais vontade. Se um país pode moldar regras internacionais que são consistentes com seus interesses e valores, suas ações provavelmente parecerão legítimas aos olhos de outros (Nye, 2004, p. 10,11, tradução livre)<sup>10</sup>.

Dessa forma, pode-se inferir que há uma relação entre estes dois tipos de poder (*hard power* e *soft power*), pois ambos têm a capacidade de alcançar seus respectivos objetivos pelo aspecto comportamental. Entretanto, a grande diferença entre eles se encontra na forma de estabelecer tal mudança. Por um lado, uma nação pode julgar conveniente posicionar-se perante uma determinada situação, utilizando ameaças no campo militar ou realizando algum tipo de sanção econômica. Por outro lado, é possível que uma nação adquira respeito e admiração por meio de sua postura e até mesmo de uma abordagem cultural que inclua valores e políticas compartilhadas por outras nações, o que permite ter, aos olhos dos demais, autoridade moral e legítima (Nye, 2004).

---

<sup>9</sup>Tradução livre de: “a nation's ability to attract and persuade” (Nye, 2004, s/p).

<sup>10</sup>Tradução livre de: “When countries make their power legitimate in the eyes of others, they encounter less resistance to their wishes. If a country's culture and ideology are attractive, others more willingly follow. If a country can shape international rules that are consistent with its interests and values, its actions will more likely appear legitimate in the eyes of others” ( Nye, 2004, p. 10,11).

### 1.3 SUN TZU, ANDRÉ BEAUFRE E THEODORE ROOSEVELT

Apesar de Nye introduzir o conceito de *soft power*, este já não é um pensamento novo, pois diversas premissas que norteiam sua estrutura já haviam sido abordadas, ao longo da história, por personalidades que trouxeram considerações diretamente relacionadas à definição base do *soft power* (De Abreu, 2013). A ideia de um poder inteligente, baseado no contexto e na necessidade, está diretamente ligada à base do nascimento do *soft power*, que apresenta a importância de uma estratégia bem definida, como abordava Sun Tzu.

Sun Tzu, estrategista militar e filósofo chinês, ganhou destaque por sua obra *A Arte da Guerra*, um tratado militar clássico que explora princípios, táticas e estratégias fundamentais da guerra, reconhecida como uma das mais importantes e influentes obras não só no âmbito militar, mas também empresarial e em contextos de liderança. Nesta obra são apresentadas as primeiras ideias que contemplam a valorização do conhecimento e da estratégia para a vitória ou êxito em uma batalha, sem necessariamente, utilizar o confronto físico direto. Em sua visão,

[...] sempre que possível, a vitória deve ser alcançada através da coerção diplomática, interrompendo as alianças do inimigo, baldando seus planos e frustrando suas estratégias. O Governo só deve recorrer ao combate armado se alguém ameaça com uma ação militar ou se recusa a ceder sem ser brutalizado (Tzu; Pin, 2012, p. 26).

Dessa forma, Sun Tzu (2012) enfatiza a importância de uma inteligência militar a fim de conhecer o inimigo e analisar o cenário para melhor adaptação e entendimento de determinada situação ou condição e, conseqüentemente, melhores tomadas de decisões, possibilitando, muitas vezes, já derrotar o inimigo antes mesmo de um confronto direto.

Também enfatiza a importância de se empregar os recursos disponíveis de forma eficaz, evitando o uso desnecessário da força e desenvolvendo a capacidade de se adaptar às dinâmicas políticas e culturais de forma flexível em diferentes contextos. Mostra-se, assim, que, ao se comparar os pensamentos de Sun Tzu e os conceitos abordados por Nye, ambos compartilham a mesma visão de que a persuasão e o raciocínio estratégico são instrumentos valiosos na obtenção dos objetivos.

Sun Tzu também aborda a manipulação do inimigo como outra ferramenta importante na obtenção da vitória, “alimentando-se de suas fraquezas, compelindo-o através de seus desejos, explorando suas expectativas e atacando-o quando estiver exausto” (Tzu; Pin, 2012, p.45). Alcança-se, dessa forma, a vitória de forma mais rápida, com menos recursos e menos perda de vida.

Beaufre, militar francês (1985, *apud* Ferreira; Valério; Moreira, 2018, p. 258), também contribuiu no campo da teoria militar com o seu livro *Introdução à Estratégia*, no qual analisa, segundo sua perspectiva, o conceito de “estratégia”. Para ele, “a essência da estratégia reside no jogo abstrato que resulta da oposição de vontades”. Diante de uma situação de conflito, é necessário ter a capacidade de analisar diversas formas de pensamento, adotando-se meios coerentes de acordo com o contexto, a fim de que seu objetivo seja alcançado (De Magalhães, 2016).

Beaufre (1997, *apud* Abegglen, 2000) aborda, também, a existência de dois modos de comportamentos estratégicos que visam ao alcance dos objetivos: o direto e o indireto. Ambos os modos interagem entre si, e seu uso depende de uma circunstância específica de um determinado conflito de interesse. Dentre eles, o conceito do modo indireto pode ser relacionado ao *soft power* pela manipulação das percepções e da vontade do adversário. O autor sugere a existência de uma manobra psicológica, tanto atrativa quanto intimidante, levemente semelhante a Sun Tzu, em que o confronto essencial é travado antes mesmo de o combate direto acontecer. Neste caso são utilizados diversos métodos de dissuasão que variam de acordo com o contexto, manipulando (outra característica também já abordada por Sun Tzu) o pensamento do inimigo ao fazê-lo contestar seus valores morais e a legalidade de suas ações no âmbito nacional ou internacional. Há também uma busca por atingir o adversário de forma impactante, fazendo-o duvidar de sua legitimidade ou dos motivos de suas causas, colocando-o em uma posição comprometedoras diante da oposição interna já existente (De Abreu, 2013).

Franklin D. Roosevelt, após ser eleito presidente dos Estados Unidos da América, introduziu ao cenário americano uma nova forma de pensar sobre a interação do país com o resto do mundo, principalmente com a América Latina, baseada em um relacionamento diplomático (Nye, 2004). A postura dos Estados Unidos, durante muito tempo, em suas relações com a América Latina, trouxe pontos negativos ao alcance dos objetivos norte-americanos, principalmente devido ao contexto da época, em que a Alemanha Nazista exercia crescente influência naquela região (Nye, 2004). Logo, o Governo norte-americano buscou abandonar, mesmo que temporariamente, o chamado *hard power* (também abordado por Nye) e optou pela demonstração do exercício do poder brando em sua política externa.

No final da década de 1930, a administração Roosevelt convenceu-se de que a segurança da América dependia de sua capacidade de se comunicar e conquistar o apoio

das pessoas em outros países. O presidente Roosevelt estava especialmente preocupado com a propaganda alemã (Nye, 2004, p.101, tradução livre)<sup>11</sup>.

Dessa forma, a “política da boa vizinhança” dos Estados Unidos com a América Latina surge como instrumento de consolidação da hegemonia norte-americana, substituindo a intervenção militar nos países do continente americano pela diplomacia e aproximação cultural. Para John Bratzel (2007), esta estratégia, inicialmente, tinha o objetivo principal de recuperar e melhorar a reputação americana, devido a sua difícil fase vivida na época, principalmente após a crise de 29. Porém sua prioridade foi redefinida frente à 2ª Guerra Mundial, utilizando-a como fundamento para enfrentar seus inimigos:

Isso é refletido[...] na própria entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, decorrente claramente de interesses de poder (o declínio do poder britânico e a ascensão da Alemanha, e o medo de que um sistema político totalmente diferente viesse a dominar o cenário internacional) (Arraes, 2003, p.196).

A “política da boa vizinhança” consistia em um conjunto de estratégias, a fim de promover e estimular a colaboração e apoio mútuo entre os países do continente americano, tendo os EUA como principal agente incentivador deste sistema, contrapondo-se também aos países do Eixo, fortalecendo sua posição como potência. Para o alcance deste objetivo, foram empregadas medidas que envolviam aproximações em diversas áreas, além de propagandas de valores norte-americanos e intercâmbio cultural (Sampaio, 2011).

A criação do *The Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), com o auxílio de Nelson Aldrich Rockefeller, posteriormente chamado de *Office of Inter-American Affairs*, foi uma das principais e mais importantes medidas de *soft power*. Este foi considerado um órgão que promoveria a integração com a América Latina, por meio de sua atuação em diversos setores. Dentre estes destacam-se a saúde, a economia, o comércio e o financeiro e principalmente as comunicações e relações culturais (Schoultz, 1998).

Por meio deste instrumento, a América Latina incorporou-se ao mercado norte-americano, oferecendo o imenso potencial de seus recursos naturais, contribuindo na construção da poderosa máquina de guerra. Entretanto, “O sucesso no campo econômico tornava necessária uma base sólida no campo ideológico” (Tota, 2000, p.54), o que foi alcançado pela disseminação do modo de vida americano nos países da América Latina.

---

<sup>11</sup>Tradução livre de: “In the late 1930S, the Roosevelt administration became convinced that America's security depended on its ability to speak to and to win the support of people in other countries.President Roosevelt was particularly concerned about German propaganda”(Nye, 2004, p.101).

Com isso, houve uma massiva presença cultural norte-americana na região, principalmente no Brasil, por meio da intensa propaganda voltada à mídia, ao cinema, à música e ao rádio. Houve também diversos incentivos de intercâmbio e instituições culturais que forneciam bolsas de estudos, entre outras interações que fomentaram o vínculo cultural entre os países latino-americanos e os EUA (Tota, 2000).

Os aspectos culturais norte-americanos foram disseminados e desenvolvidos por décadas, sendo possível, nos dias atuais, observar as consequências deste processo de influência em diversos setores nacionais. Seja na política ou na economia, nos setores industriais ou de entretenimentos, as inserções culturais que ocorreram afetaram a construção identitária do Brasil, não só o modo de agir e pensar da população, mas também a própria língua.

#### 1.4 FATOR LINGUÍSTICO-CULTURAL

A necessidade de se adaptar a um mundo cada vez mais globalizado, no qual o inglês desempenha um papel fundamental para a comunicação internacional, demonstra um dos motivos para o estudo da citada língua receber grande foco. Logo, vale destacar que a questão linguística também foi outro setor que sofreu influência quando se considera a influência cultural norte-americana no Brasil, como por exemplo, a presença dos estrangeirismos (palavras da língua inglesa adotadas na língua portuguesa) que se materializam no idioma, sendo este “[...] a condensação da história de um povo, das influências que ele sofreu, dos seus desejos, de suas expectativas, de seus preconceitos, do modo de ser de sua gente, de sua música, de sua literatura” (Fiorin, 2013, p.147).

Por outro lado, o elo hispânico estabelecido com o Brasil difere-se do norte-americano, pois está mais restrito ao aspecto geopolítico e econômico. Apesar de a América Latina ter apenas um país cuja língua oficial é o português e grande parte dos demais países, o espanhol, são evidentes as características em comum que apresentam, “... como a conquista, a colonização, a política, o desenvolvimento, a proximidade geográfica e a abundância de recursos naturais” (Machado, 2016, p.46). Porém tais aspectos compartilhados não são suficientes para promover uma forte integração entre eles, mesmo havendo diversas tentativas de aproximação, como a formação de blocos econômicos e a inserção da língua espanhola na grade curricular das escolas brasileiras.

Dessa forma, observa-se que a integração regional, sem o desenvolvimento do estreitamento dos laços entre as nações, com ênfase nos fatores culturais e sociais, não se torna realmente efetiva. Fato este causado pela falta de percepção identitária por parte da sociedade

brasileira, ou até percebida mas não vivenciada, quando comparada à realidade latino-americana, possivelmente, devido, sobretudo, à influência norte-americana que sofreu durante muito tempo.

Por meio das informações analisadas ao longo deste trabalho, é notório que a disseminação cultural dos Estados Unidos foi capaz de criar relações no campo linguístico-cultural-identitário muito mais fortes, superando a trajetória comum vivenciada ao longo dos anos entre os países latino-americanos.

## 1.5 INTERCÂMBIOS

De acordo com o *Livro Branco de Defesa Nacional*, é fundamental a integração entre os setores de desenvolvimento, Defesa Nacional e diplomacia para o alcance dos objetivos nacionais. A relevância da atividade diplomática, no processo da preservação e fortalecimento da Soberania Nacional, é materializada a partir de uma atuação conjunta visando “[...] a diversificação de parcerias estratégicas, a cooperação e o intercâmbio militar com as Forças Armadas de nações amigas, de maneira a fortalecer as relações entre países” (Brasil, 2020, p.37).

Da mesma forma, a *Estratégia Nacional de Defesa* destaca a diplomacia como uma poderosa ferramenta na “resolução e na prevenção de conflitos” (Brasil, 2020, p.8), bem como um instrumento que busca promover pesquisas e inovações que contribuam para a Defesa Nacional. Para isso, “é importante que sejam intensificadas as parcerias estratégicas e o intercâmbio com as Forças Armadas de outros países, sobretudo daqueles que compõem o entorno estratégico do Brasil” (Brasil, 2020, p.16).

Fato este muito observado na Força Aérea Brasileira, que, em sua *Concepção Estratégica de Força Aérea 100*, busca fundamentar sua doutrina em uma visão do futuro, cuja

[...] formação do militar da FAB deve estar pautada em um modelo de ensino que permita ao ativo mais valioso da organização interagir, de modo sinérgico, com atores de outras Forças e agências, sejam elas nacionais ou internacionais. O aprendizado de outros idiomas, o constante aperfeiçoamento pós-acadêmico, a interação curricular nos níveis mais elevados da carreira das Forças Armadas e a atualização por intermédio de intercâmbios tornam-se requisitos fundamentais. O domínio do idioma inglês, como segunda língua, é essencial, para oficiais e graduados, nas áreas operacionais, de manutenção e controle de tráfego aéreo. O idioma espanhol, como terceira opção, é importante para os oficiais na interação com os países da América Latina (Brasil, 2018, p.39).

Também, de acordo com as informações fornecidas pelo *site* oficial da Academia da Força Aérea, a AFA é responsável por desenvolver diversos programas de intercâmbio definidos pelo Comando da Aeronáutica (COMAER) pelos acordos de cooperação. Dentre estes programas, destacam-se aqueles realizados pelos Cadetes brasileiros, durante o período de um semestre, nas academias militares norte-americana e colombiana, além do intercâmbio efetuado pelos Cadetes estrangeiros advindos destas instituições na AFA, por aproximadamente seis meses. Para a elaboração destes programas, é necessária a ocorrência de diversos procedimentos burocráticos, como, por exemplo, o processo de seleção destes Cadetes, de acordo com a Norma Padrão de Ação<sup>12</sup> (NPA) 236<sup>13</sup>.

Vale salientar que tais intercâmbios são fundamentados em uma análise das ações diplomáticas abordadas pela *Estratégia Nacional de Defesa* (END):

A atividade diplomática estimula o conhecimento recíproco entre nações e permite a conciliação de eventuais diferenças de percepções. Portanto, o diálogo e a cooperação com outros países são fundamentais para o êxito da Estratégia Nacional de Defesa, por serem poderosos instrumentos de prevenção e de resolução de conflitos (Brasil, 2020).

Logo, a diplomacia tem, de fato, um papel muito importante dentro do cenário das relações internacionais. Apesar de ser definida como “ a arte e a prática das relações entre Estados, a condução dos negócios estrangeiros de uma nação pela via da negociação, para salvaguardar direitos e interesses de um país perante a comunidade internacional” (Lima, 2016, p. 19), ela também leva em consideração as fraquezas e vulnerabilidades de um país, estando diretamente associada à condução estratégica de uma Nação.

Entretanto, de acordo com Pinto (2015), embora a diplomacia tenha a capacidade de ser cultivada por meio do desenvolvimento de práticas baseadas no *soft power*, a manutenção do *hard power* se faz necessária a fim de preservar a capacidade de defesa militar de um país. Visto que “os conflitos entre Estados não surgem de modo inopinado, fazem parte de um processo político no qual os instrumentos diplomáticos e de defesa complementam -se para a preservação da paz e do bem-estar nacional” (Pinto, 2015, p. 173).

---

<sup>12</sup>Documento utilizado para padronizar os procedimentos rotineiros a serem seguidos em uma determinada atividade.

<sup>13</sup>A presente Norma tem por finalidade estabelecer o fluxo processual e definir as atribuições dos setores envolvidos no processo de seleção de cadetes brasileiros para intercâmbio no exterior – 6 meses, no âmbito da Academia da Força Aérea – AFA.

Vale ressaltar que, ainda segundo Pinto (2015), no que tange à defesa, a fim de atingir os objetivos nacionais, as abordagens utilizadas se baseiam em uma diplomacia ativa e uma postura dissuasória de caráter defensivo.

Além disso, de acordo com Cull (2018), se o conteúdo cultural apresentado não é atraente ou interessante o suficiente para o alcance dos objetivos de uma nação, a diplomacia não faz tanta diferença para a produção de *soft power*. Entretanto, na maioria das vezes, apenas o fator cultural não é determinante para a promoção e o fortalecimento do *soft power* de um país. A diplomacia é abordada, frequentemente, como instrumento para impulsionar interesses nacionais, construir relações internacionais e influenciar comportamentos baseando-se, também, em aspectos políticos, econômicos e até mesmo militares.

## 2 METODOLOGIA

O projeto para a realização desta pesquisa foi registrado sob o Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 75125023.6.0000.5504, para apreciação no Comitê de ética em Pesquisas em seres humanos da UFSCar, tendo sido aprovado pelo Parecer 6.714.710.

Este trabalho se insere no paradigma qualitativo-interpretativista com a presença de dados quantificáveis. Por meio de questionários, dados foram coletados e analisados, levando em consideração as perspectivas, opiniões e visões dos próprios cadetes brasileiros envolvidos no intercâmbio. Para uma melhor sustentação dos argumentos apurados, utilizou-se a coparticipação de militares brasileiros mais experientes e envolvidos nesta área, também por meio de questionários, de forma a compreender, com base nos dados coletados, qual a influência que o intercâmbio acadêmico exerce em relação ao *soft power* do país.

Além disso, para a elaboração do trabalho, as fontes documentais, como a *Estratégia Nacional de Defesa* (END), o *Livro Branco de Defesa Nacional*, documentos internos da Academia da Força Aérea, acordos de cooperação entre o Brasil e os Estados Unidos e o Brasil e a Colômbia, e fontes bibliográficas também foram utilizadas e consultadas. Os dados coletados foram analisados à luz do conceito de *soft power*, presente na teoria das Relações Internacionais, para verificar se há indícios desta forma de poder nas manifestações dos participantes da pesquisa e, desse modo, interpretar como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea Brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e a *Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez* (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil.

## 2.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Dentre os participantes, há dez Cadetes brasileiros que, durante o desenvolvimento da pesquisa, estavam cursando o quarto ano do Curso de Formação de Oficiais (CFO) na Academia da Força Aérea Brasileira, turma Árion. No ano de 2023, quatro deles estiveram nos Estados Unidos, USAFA, e seis na Colômbia, EMAVI, como intercambistas. Para uma melhor sustentação dos argumentos apurados, utilizou-se a coparticipação de quatro oficiais brasileiros da Academia da Força Aérea, com mais experiência e envolvidos nesta área, também por meio de questionários, de forma a compreender, com base nos dados coletados, qual a influência que o intercâmbio acadêmico exerce em relação ao *soft power* do país.

## 2.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a elaboração do trabalho, foram consultadas fontes documentais, como a *Estratégia Nacional de Defesa* (END), o *Livro Branco de Defesa Nacional*, a *Concepção Estratégica Força Aérea 100* e documentos internos da Academia da Força Aérea, bem como fontes bibliográficas e informações disponibilizadas pelos questionários respondidos por cadetes e oficiais.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os questionários foram impressos e entregues juntos, em mãos, aos participantes. Após receber o TCLE, a equipe de pesquisa solicitou a leitura e esclareceu dúvidas referentes ao conteúdo. Os questionários foram devolvidos pelos participantes à equipe de pesquisa no prazo de até 3 (três) dias.

## 2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados foram analisados à luz do conceito de *soft power*, presente na teoria das Relações Internacionais, para verificar se há indícios desta forma de poder nas manifestações dos participantes da pesquisa.

A análise dos dados ocorreu individualmente para cada classe de participantes (cadetes brasileiros intercambistas na Colômbia, cadetes brasileiros intercambistas nos Estados Unidos e oficiais brasileiros que têm experiência com a parte administrativa do intercâmbio) por meio da análise dos núcleos de sentido.

A primeira providência, após reunir todos os questionários recebidos, foi realizar uma

leitura geral das respostas às perguntas do questionário.

Em seguida, buscou-se identificar os registros mais relevantes e de maior incidência, com a finalidade de observar padrões, convergências e divergências, considerando as dimensões qualitativa e quantitativa.

Na etapa seguinte, com base nos objetivos, na pergunta de pesquisa e no conceito de *soft power*, dados significativos do material coletado (por meio dos questionários aplicados aos cadetes) foram agrupados por temas que, por sua vez, foram distribuídos em categorias. O mesmo procedimento foi adotado com relação aos dados fornecidos pelos oficiais.

Posteriormente, elaborou-se um texto para cada classe de participantes, articulando os temas presentes nas categorias.

Os documentos analisados foram utilizados para complementar a análise realizada dos dados dos questionários, buscando informações convergentes.

Como etapa final, uma síntese, que consistiu da articulação dos dados coletados com o conceito de *soft power* foi formulada com base nos resultados da análise, nos dados oferecidos pelos documentos e nos objetivos definidos, a fim de responder à pergunta de pesquisa: como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA) e as nações amigas, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil?

### 3 ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

**Quadro 1** - Cadetes participantes

Participante	Intercâmbio	Período de duração
Cad 01	EMAVI	Junho a novembro
Cad 02	EMAVI	Junho a novembro
Cad 03	EMAVI	Junho a novembro
Cad 04	EMAVI	Junho a novembro
Cad 05	USAFA	Julho a dezembro
Cad 06	USAFA	Julho a dezembro
Cad 07	USAFA	Julho a dezembro
Cad 08	USAFA	Julho a dezembro
Cad 09	USAFA	Julho a dezembro
Cad10	USAFA	Julho a dezembro

Fonte: elaboração própria.

A seguir, são apresentados os resultados e as conclusões dos respectivos questionários respondidos pelos dois grupos (cadetes e oficiais).

### 3.1 CADETES

Para os cadetes, independentemente do lugar no qual o intercâmbio foi realizado, foram feitas as mesmas perguntas com a finalidade de saber a possível existência de alguma divergência ou similaridade ao se mudarem os cenários vivenciados.

Em relação ao recebimento de instruções de caráter sociocultural/militar do país de destino antes do início da missão, conforme apresentado na primeira pergunta do questionário, houve certa discordância entre os participantes do intercâmbio colombiano. Três cadetes (Cad 01, 02 e 04) consideraram que não houve instruções prévias no sentido sociocultural, mas sim no militar, a partir de um *briefing* com a Seção de Programas Internacionais (SPI). Nelas, foi abordada a postura dos cadetes em uma Academia militar estrangeira e também as possíveis diferenças entre os países e aspectos que poderiam gerar algum tipo de conflito. Entretanto, um deles (Cad 03) considerou que não houve nenhuma orientação prévia, mas sim motivações para pesquisas autônomas.

Já todos os intercambistas que foram para os Estados Unidos afirmaram que tiveram reuniões com o intuito de se familiarizarem com os aspectos socioculturais e militares dos EUA por meio dos cadetes que haviam participado do intercâmbio no ano anterior, bem como dos oficiais com experiências de outros intercâmbios também realizados nos EUA, além de um militar ex-adido da USAFA. Dentre os assuntos abordados, destacam-se a rotina e o clima organizacional da Academia militar, a cultura do Estado do Colorado e do próprio país e também o comportamento da população norte-americana, principalmente no que tange à valorização dos militares.

Sobre a existência de atividades nas academias que promovessem aproximações entre os intercambistas e o país sede, de acordo com a segunda pergunta, foram relatadas, pelos cadetes de ambos os intercâmbios, diversas atividades que promoveram este tipo de interação. No caso da EMAVI, todos os cadetes relataram a ocorrência de viagens aos pontos turísticos do país, onde foram apresentados aspectos culturais da região e também, sempre em confraternizações entre os cadetes colombianos, os brasileiros eram convidados. Além disso, os cadetes participaram de um festival de Colônias, cujo objetivo principal era divulgar características e costumes de seus países de origem. Neste caso, os cadetes brasileiros ficaram responsáveis pela Colônia Estrangeira e apresentaram algumas comidas, músicas e costumes brasileiros. Houve também um evento de interação entre as Forças Armadas da Colômbia.

No caso da USAFA, os cadetes afirmaram que, nas próprias aulas que participavam, havia diversos momentos de interação com os cadetes americanos e até mesmo com outros

intercambistas de outras nações. Além disso, havia também algumas atividades, como, por exemplo, eventos e clubes, que promoviam a aproximação entre eles. Assim como os cadetes que realizaram o intercâmbio na Colômbia, ocorreram diversas visitas, sendo algumas delas custeadas e organizadas pela própria USAFA.

Na opinião de três cadetes (Cad 02, 03 e 04) que foram para a Colômbia, a participação em um programa de intercâmbio, no âmbito pessoal, proporciona grande aprendizado de uma nova língua, e os Cad 02 e 04 acrescentaram, ainda, que aumenta o conhecimento cultural de um país distinto e desenvolve vínculos de amizade. Dois deles (Cad 01 e 03) também consideraram que há uma ampliação na forma de se observar o cenário latino ou até mesmo mundial. Para três cadetes (Cad 02, 03 e 04), no âmbito militar há um grande ganho por parte dos cadetes brasileiros ao conhecerem diferentes abordagens doutrinárias, que agregam valores militares e geram aprendizagem de uma outra cultura organizacional. Por fim, os cadetes consideram o intercâmbio uma ótima forma de estreitar as relações internacionais entre os países participantes e também entre os futuros líderes das Forças Aéreas dos respectivos países, pois nele é criado um clima ameno e amigável, demonstrando confiança mútua. De acordo com o Cad 01 “O intercâmbio permite demonstrar que a Nação está aberta à amizade com a Colômbia, muito conveniente para a diplomacia da nação”.

Para os cadetes que participaram do intercâmbio na USAFA, não houve uma divisão clara das implicações do intercâmbio nos aspectos pessoais e profissionais em suas respostas, porém muito se comentou o desenvolvimento de uma visão mais crítica ao se comparar as duas Academias militares. Fato este que poderá no futuro contribuir com melhorias ou até mesmo assessoramentos dentro da Força Aérea e do próprio país.

Comentou-se, também, pelo Cad 10, como a convivência entre os militares de outras nações, não só os americanos, torna-se interessante, principalmente ao se pensar como elo em alguma situação futura. Ocorre, ainda, um crescimento cultural muito grande por parte dos cadetes ao interagirem com novas perspectivas e noções de mundo. Por fim, foi citado por um dos cadetes, Cad 09, que, “para o país, é possível considerar que este possui a oportunidade de ser representado no cenário internacional e também futuramente, contar com oficiais com competências diferenciadas”

Em relação ao envolvimento do Brasil no intercâmbio, o Cad 02, intercambista na Colômbia, relatou um grande envolvimento e atenção por parte do Brasil, por meio do contato com os oficiais da Academia. Além disso, eram feitos relatórios quinzenais sobre o decorrer do intercâmbio. Já na visão do Cad 04, o envolvimento do Brasil se deu mais no início do processo de ida dos cadetes à Colômbia, porém, durante o intercâmbio foi pequeno, sendo apenas um

ponto de apoio em caso de necessidade. O Cad 03 informou que, por ser recente o envolvimento do Brasil no referido intercâmbio, há algumas ideias preconcebidas por parte dos colombianos acerca do Brasil e da FAB. Este fato, no entanto, vem sendo mitigado ao longo das realizações dos últimos intercâmbios, pois “é uma oportunidade de demonstrar as capacidades e profissionalismo dos militares da aeronáutica”. Por fim, um dos intercambistas (Cad 01) afirmou que o intercâmbio permite uma aproximação entre as nações, levando a um aprimoramento das capacidades dos militares brasileiros.

Já na visão do outro grupo de intercambistas, houve divergência em relação à interpretação da pergunta. Dois deles (Cad 06 e 07) abordaram os questionamentos que ocorriam por parte dos estrangeiros sobre o funcionamento da AFA ou sobre como era a dinâmica da FAB e curiosidades sobre o Brasil e, até mesmo, seu posicionamento perante alguns assuntos, como possíveis conflitos. Outro (Cad 05), relacionou o envolvimento do Brasil no intercâmbio com as relações diplomáticas que foram e são impulsionadas entre os dois países envolvidos. Houve também, por parte dos Cad 05 e 10, um relato da assistência brasileira dada a eles durante a realização do intercâmbio.

Nas considerações finais, um dos cadetes intercambistas da EMAVI (Cad 03) relatou a existência de poucos programas de intercâmbio do Brasil quando comparado a outros países, sugerindo um aumento do número de cadetes intercambistas. Além disso, o Cad 02 sugeriu também o desenvolvimento de novos programas de intercâmbio para outros países. Por último, foi salientada também pelo Cad 04 a importância da relação criada entre as Forças Armadas de diferentes países no fortalecimento de laços e obtenção de aliados em caso de conflitos futuros. Indicou, ainda, um ganho positivo à Força Aérea Brasileira acerca de um conhecimento linguístico por parte dos militares, já que, segundo o Cad 04, “...somos um importante instrumento do poder aeroespacial e estamos sempre buscando relações diplomáticas com outros países”.

No caso dos intercambistas da USAFA, não houve muitas considerações finais. Entretanto, para um deles (Cad 05), o contato com uma nova cultura possibilitou um melhor entendimento das relações internacionais das quais o Brasil faz parte e também “visualizar o poder e influência que o nosso país tem no panorama mundial, mesmo que por vezes tal fator seja ofuscado pelo fato do Brasil ser um país pacífico”, segundo o Cad 05. Outros dois cadetes (Cad 07 e 08) ressaltaram a importância de um preparo prévio por parte dos cadetes brasileiros para este tipo de missão, estando aptos a responderem ou discutirem sobre assuntos relacionados ao Brasil e ao cenário internacional, sem causar uma má impressão ou transmitir uma informação incondizente.

Dessa forma, é possível inferir que o intercâmbio acadêmico é uma ferramenta muito poderosa na construção diplomática entre os países participantes, pois o convívio entre os cadetes de nações distintas é capaz de impulsionar futuras parcerias entre seus países. Além disso, essas aproximações podem estreitar as relações internacionais, bem como criar laços estratégicos para o futuro.

Possibilita, também, o vislumbre de um panorama e cenário mundial diferente, expandindo a percepção e o entendimento do contexto vivido por cada nação e sua forma de lidar com problemas semelhantes. Há, ainda, um desenvolvimento na formação do futuro oficial que consegue assimilar novas abordagens doutrinárias empregadas em outras nações que podem vir a beneficiar a cultura organizacional da FAB ou contribuir com inovações no futuro.

Logo, estes intercâmbios são uma excelente forma de apresentar a cultura, valores e política, além do potencial do Brasil às outras nações e destas ao Brasil, rompendo estereótipos ou prejulgamentos e chamando a atenção de forma positiva ao trabalho exercido pela Força Aérea.

Esta tentativa de atrair a atenção acaba por gerar uma força dissuasória, ao apresentar às outras nações uma pequena parcela da capacidade operacional da Força Aérea. Dessa forma, de acordo com Nye, a partir da apresentação destes valores, por meio da diplomacia gerada pelos intercâmbios, *o conceito de soft power* é praticado em sua forma mais suave, porém eficaz, no que diz respeito aos resultados alcançados por ele.

### 3.2 OFICIAIS

No tocante aos oficiais, foram feitas algumas perguntas distintas dependendo de sua função dentro da Academia da Força Aérea e/ou do conhecimento acerca dos intercâmbios supracitados.

No que tange ao motivo da existência do intercâmbio na AFA, presente na primeira pergunta para o oficial da Seção de Programas Internacionais, foram elencadas diversas razões. Dentre elas, o fortalecimento das relações entre as nações, o desenvolvimento pessoal e profissional dos militares designados, a troca de experiência e conhecimento das abordagens utilizadas pelas diferentes academias para a solução de problemas acadêmicos ocorridos e a ampliação das competências dos militares para o atendimento de demandas institucionais e acadêmicas.

Em relação à segunda pergunta do questionário ao mesmo oficial, foi relatado por ele que, antes de os intercambistas saírem de seus respectivos países, os militares brasileiros têm

contato com relatórios feitos por intercambistas anteriores, participam de aulas e encontros para a elevação do nível de conhecimento da língua estrangeira, recebem orientações específicas sobre a conduta militar ministradas pela SPI e pelo próprio Corpo de Cadetes da Aeronáutica (CCAER) e, por fim, comunicam-se previamente por telefone/aplicativo de mensagem com os respectivos *sponsors*<sup>14</sup> e, também, com cadetes da academia anfitriã.

Ele relatou que algumas ações institucionais são realizadas com o intuito de promover a integração entre os cadetes nacionais e aqueles de nações amigas, conforme a terceira pergunta feita a ele. A presença dos *sponsors* foi novamente citada, enfatizando sua importância em relação a uma integração familiar logo na chegada ao país sede do intercâmbio. Além disso, é de conhecimento do entrevistado a existência de diversas viagens de estudo oferecidas pelas Academias militares, bem como de uma apresentação da cultura nacional feita pelos cadetes da Academia anfitriã.

Por fim, observou que o Brasil busca honrar e desenvolver o programa com o número máximo de cadetes possível, de maneira a potencializar o intercâmbio, respondendo, assim, à quarta pergunta do seu questionário.

Ao Chefe da Divisão de Ensino e ao oficial da AFA que já havia participado de intercâmbio, foram feitas as mesmas perguntas, a fim de buscar duas visões referentes à experiência de gestão do programa de intercâmbio na Academia da Força Aérea.

De acordo com o Chefe da Divisão de Ensino, ao responder à primeira pergunta, a participação do Brasil, especialmente a atuação da FAB, no contexto das relações internacionais, é muito destacada quando comparada aos outros países do continente americano. As missões humanitárias realizadas por ela, bem como de instrução e de ensino, auxiliam na recuperação de conhecimento e no desenvolvimento de competências nos países com os quais têm esse termo de cooperação. Desse modo, a FAB apresenta certo protagonismo em algumas missões, auxiliando na formação de equipagens aéreas, tripulantes e pilotos, além da manutenção e do desenvolvimento tecnológico de aeronaves. É necessário enfatizar também sua liderança perante missões de busca e salvamento, principalmente em calamidades públicas e desastres ambientais, além de entregar suprimentos à população atingida.

Sobre as implicações de participar/sediar os programas de intercâmbio, presentes na segunda pergunta, o Chefe da Divisão de Ensino acredita que há muitas, pois, além de haver um estreitamento e reconhecimento de relações com os países beneficiados desse intercâmbio,

---

<sup>14</sup>Compõem um Programa Patrocinador de Cadetes que constrói um relacionamento de mentoria profissional e oferece aos cadetes um lar longe de casa de forma permanente, durante seu tempo na USAFA.

ainda existe destaque da comunidade internacional. Com a troca de experiências e de conhecimento, os processos são melhorados e os ganhos advindos aceleram o desenvolvimento em ambos os países.

Em suas considerações sobre suas experiências pessoais, relatou que, por meio de um intercâmbio de instrutor de voo que realizou em dois países, foi possível melhorar a instrução aérea por meio da troca de experiências. Quanto aos intercâmbios realizados pelos cadetes, é possível notar a aquisição de conhecimentos em outras disciplinas, como poder aéreo, conhecimento espacial, liderança, etc. Disciplinas estas que abrem os horizontes dos futuros oficiais e auxiliam na tomada de decisão.

Ao se observar a percepção de um oficial da AFA que já havia participado de intercâmbio, no que diz respeito à participação do Brasil, especialmente por meio da atuação da FAB no contexto das relações internacionais, considerando o continente americano, presente na primeira pergunta feita a este oficial, infere-se que o Brasil apresenta por diversas vezes um protagonismo, principalmente por seu posicionamento nas resoluções de conflitos, buscando lidar de forma pacífica, mas, quando necessário, também participando ativamente. Neste contexto, a FAB também se destaca, não só em nível continental, “...por ser uma das poucas Forças Aéreas do mundo que tem a maior parte do seu acervo constituída por aeronaves desenvolvidas e produzidas pelo próprio país”, segundo o oficial em questão. Há também o fato de liderar diversas operações organizadas em conjunto no continente.

Ao analisar as implicações de participar/sediar os programas de intercâmbio, abordadas na segunda pergunta, o oficial supracitado acredita que a participação dos militares da FAB nestes intercâmbios permite a eles conhecerem novas realidades e diferentes pontos de vista, além de serem expostos a situações desconhecidas. Além disso, “os intercâmbios são uma ótima oportunidade de representar o país através do contato com estrangeiros. Ao mesmo tempo, tal contato possibilita desconstruir, ou pelo menos reduzir, alguns preconceitos”. E por meio de um bom trabalho, pode-se, também, divulgar e melhorar a opinião e visão destas mesmas pessoas sobre, não só a Força Aérea e o país, mas também seus militares.

Ao fazer uma observação sobre sua experiência relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio, o oficial relatou a oportunidade que teve de ser instrutor na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, durante quatro anos. Naquele país ministrou aulas de português aos cadetes do 1º ano, sendo o primeiro oficial brasileiro a realizar tal feito. E, como resultado, a busca pelos cursos subsequentes de português aumentou consideravelmente, mesmo sendo opcional. Com isso, foi possível “que ampliássemos o intercâmbio de cadetes da AFA e USAFA a partir de 2021”. Dessa forma, a atividade foi capaz de impactar diretamente na divulgação da

cultura brasileira, o que favoreceu o respeito e o conhecimento por parte dos americanos. Relatou também que costumava receber diversos elogios direcionados aos cadetes brasileiros em intercâmbio, durante os anos que esteve na USAFA, principalmente no que tange ao padrão militar, à camaradagem e à dedicação. Acrescentou, ainda, que lhe foi relatado que um dos comandantes de esquadrão não queria ter recebido cadetes estrangeiros, porém o contato com um cadete brasileiro o fez mudar de pensamento.

Em suas considerações finais, acrescentou que, inicialmente, acreditava-se que os intercâmbios eram uma maneira de se alcançar experiências e boas práticas, ou seja, uma forma de contribuição para o país. Porém, sua maior colaboração é a construção de uma boa imagem internacional passadas pelos militares brasileiros.

Por fim, na visão do Comandante da Academia da Força Aérea, sobre a participação do Brasil no contexto das relações internacionais, considerando o continente americano, presente na segunda pergunta do questionário, “o Brasil, como segundo país mais populoso da América, terceiro em extensão territorial e segunda maior economia, tem naturalmente uma posição de proeminência no continente americano”. Dessa forma, ocupa o primeiro lugar em todos estes aspectos se for considerada apenas a América do Sul. É, também, evidente e incontestável seu papel como líder regional, um ator de enorme peso estratégico nas relações internacionais no contexto das Américas.

Já acerca da atuação da FAB, ressaltou que a *Política Nacional de Defesa* apresenta dois Objetivos Nacionais de Defesa (OND) referentes às relações internacionais: contribuir para a estabilidade regional e para a paz e a segurança internacionais e incrementar a projeção do Brasil no concerto das nações e sua inserção em processos decisórios internacionais. Por sua vez, a *Estratégia Nacional de Defesa* define uma série de Estratégias de Defesa (ED), a fim de cumprir os objetivos acima, dentre as quais, sobre o tema em questão, destacou as seguintes:

-A promoção da cooperação internacional, que faz referência às atividades mantidas entre o Setor de Defesa brasileiro e os congêneres estrangeiros, visando ao estreitamento dos laços de amizade, ao conhecimento mútuo e ao desenvolvimento de um ambiente de camaradagem e cooperação;

-Intensificar as medidas de fomento da confiança mútua e da segurança internacionais;

-Intensificar a realização de intercâmbios e acordos na área de defesa com outros países;

-Intensificar a realização de operações internacionais, unilateralmente ou em arranjos plurilaterais, e de iniciativas de cooperação em áreas de interesse de defesa.

Assim sendo, percebe-se que a atuação internacional da FAB, assim como das demais Forças Armadas, obedece a um arcabouço estratégico bem definido por meio da PND e da END, em que estão estabelecidos objetivos e ações a serem realizadas pelo setor de Defesa.

Em decorrência de suas características de operação, com emprego de vetores aéreos, relatou que a FAB, apresenta uma capacidade de atuação bastante rápida, podendo estar presente em lugares remotos em tempo bastante reduzido. Acrescentou que essa característica é bastante valorizada em operações de assistência humanitária, como em casos de catástrofes naturais, em que a FAB atuou em apoio a países vizinhos que enfrentavam essas intempéries. Como exemplo, citou o apoio ao Chile no combate a incêndios florestais, em 2023.

Além disso, informou que são realizados, há muito tempo, intercâmbios de diversas naturezas com países do continente, com destaque para aqueles relacionados às atividades de ensino, tanto no nível de formação, como de pós-formação. Salientou, ainda, as operações internacionais envolvendo nações amigas, em que se destaca, no Brasil, a Operação CRUZEX (Cruzeiro do Sul Exercise)<sup>15</sup>.

Em relação às implicações de se participar / sediar os programas de intercâmbio, abordada na segunda pergunta, o Comandante relatou que a realização de intercâmbios internacionais representa uma grande responsabilidade. No caso de intercâmbios entre Academias Militares, a organização que recebe o visitante passa a ser responsável por quase todos os aspectos relacionados, desde a sua segurança, bem estar, alimentação, apoio à saúde, qualidade de ensino e tudo mais que diz respeito à rotina na Academia. Todos esses aspectos crescem em importância por se tratar de um estrangeiro, com costumes e visão de mundo diferentes. É uma relação delicada, pois, se tudo correr bem, o intercambista levará experiências e lembranças positivas daquela Academia e do país. Entretanto, se algo não der certo, a depender da gravidade, as lembranças podem não ser as mais positivas, causando danos à imagem do país, podendo até mesmo ocasionar desentendimentos diplomáticos. O mesmo se pode dizer da responsabilidade dos Cadetes participantes do intercâmbio como visitantes. A depender de sua conduta, dedicação, conhecimento, capacidade de relacionamento e outras qualidades, a impressão causada fora do país poderá ser positiva ou negativa. Tudo isso tem sua importância evidenciada quando se trata de representar seu país junto aos futuros líderes militares daquela nação amiga, os quais, possivelmente, estarão tendo contato mais próximo com militares brasileiros pela primeira vez.

---

<sup>15</sup> Um dos maiores exercícios operacionais conjuntos do mundo, tem como objetivo principal fortalecer a interoperabilidade entre as forças aéreas de diferentes países, promovendo o treinamento conjunto em cenários complexos e desafiadores.

Sobre a existência de atividades nas academias militares que promovam aproximações entre os intercambistas e o país sede, de acordo com a terceira pergunta, o Comandante afirmou que, a partir delas, são proporcionados momentos de integração cultural e também visitas de maneira a promover maior conhecimento das características do país.

Respondendo à quarta pergunta do questionário, quando cadete, informou que havia sim atividades que tinham intenções de aproximação entre os cadetes nacionais e de nações amigas. Em sua turma, havia cadetes do Suriname, Venezuela, Panamá e da Bolívia e casos semelhantes se viam nas outras turmas. Entretanto, não havia o programa de intercâmbio nos moldes atuais, em que um grupo de cadetes permanece um semestre inteiro em outro país, mas sim visitas/viagens organizadas para os cadetes que mais se destacavam, mas não eram de longa duração.

Ao realizar uma observação acerca do envolvimento do Brasil no intercâmbio, relacionada à quinta pergunta, relatou que vê, de forma bastante positiva, os intercâmbios internacionais. Como bem coloca a *Estratégia Nacional de Defesa*, as atividades de cooperação internacional, entre elas o intercâmbio, aprofundam os laços de amizade entre os países, promovem a confiança mútua e incrementam a segurança internacional. A participação dos cadetes brasileiros nos intercâmbios tem sido bastante positiva, pois são ocasiões importantes de crescimento pessoal e profissional, além de um ganho cultural imenso. São experiências que irão marcar profundamente o futuro Oficial da FAB que teve essa oportunidade. Os cadetes brasileiros têm apresentado conduta irrepreensível nos intercâmbios, representando muito bem nosso país no exterior. Por essa razão, é da maior importância a aplicação da meritocracia na seleção dos cadetes participantes. Como organização receptora, é sempre uma honra receber cadetes estrangeiros de nações amigas, no caso específico, dos Estados Unidos e da Colômbia. Significa o reconhecimento, por esses países, da qualidade da formação proporcionada pela Academia da Força Aérea, a ponto de nos confiar, por um semestre, um grupo de seus cadetes. Para os cadetes brasileiros, representa uma rica oportunidade de troca de experiências com os intercambistas, proporcionando uma visão mais ampla sob o ponto de vista pessoal e profissional, a partir do relacionamento com os cadetes visitantes.

Em suas considerações finais, respondeu mais diretamente ao problema da pesquisa, sobre como o intercâmbio acadêmico recíproco, realizado entre a AFA, USAFA e EMAVI, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, considerando que essa atividade de intercâmbio contribui sim, ainda que em medida reduzida, para a construção de um poder brando no país em relação às duas nações amigas. Salientou ainda que esse possível *soft power*

a ser gerado depende da boa qualidade da experiência a ser vivida pelo intercambista estrangeiro no Brasil, assim como da impressão positiva causada pelo intercambista no exterior.

A partir das informações desenvolvidas pelos oficiais, percebe-se uma diretriz fortemente baseada nos objetivos nacionais, tendo o PND e END como principal alicerce. Ambos os documentos, como já apresentado anteriormente, destacam a diplomacia como uma importante ferramenta (*de soft power*) para o desenvolvimento de interações estratégicas entre nações, contribuindo com a Defesa Nacional.

O intercâmbio é uma das formas de se trabalhar a diplomacia e, conseqüentemente, as relações internacionais. Além de auxiliar no desenvolvimento de um futuro líder, este contato entre as Academias militares busca causar uma boa impressão e iniciar um bom relacionamento entre as instituições, criando, assim, o início de uma possível parceria.

Logo, uma boa imagem internacional evidenciada pelos militares brasileiros contribui no surgimento e na manutenção de acordos e cooperações importantes não só para a Força Aérea, mas também para o Brasil. Ou seja, há um investimento prévio e primário na base acadêmica dos cadetes, já projetando os possíveis benefícios que esta atividade pode vir a gerar à longo prazo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio da análise dos dados apresentados anteriormente, é possível observar, por meio dos relatos dos cadetes brasileiros, que o intercâmbio acadêmico norte-americano é, de certa forma, mais influente, quando comparado ao realizado na Colômbia, e recebe, de algum modo, um pouco mais de atenção. Tal fato ocorre, provavelmente, pela posição de destaque ocupada pelos EUA no cenário internacional e pelo processo de construção cultural americana no Brasil, já explicado ao longo deste trabalho, ou seja, pelo *soft power* dessa Nação. Porém, de acordo com os mesmos cadetes e os oficiais apresentados anteriormente, ambos os intercâmbios buscam atingir o mesmo resultado: preparar e introduzir o futuro oficial da Força Aérea a uma nova conjuntura, ainda não vivenciada por ele durante os seus anos de formação. Esta experiência visa mostrar ao cadete a importância das relações internacionais e da diplomacia para a Força Aérea e para o Brasil no cumprimento dos objetivos nacionais, auxiliando na prevenção de possíveis conflitos, em negociações e acordos de interesse nacional, na construção de alianças e parcerias e também na resolução de problemas.

Os intercâmbios, dessa forma, são a primeira oportunidade que os cadetes têm, uma vez inseridos em um contexto militar internacional, de amadurecerem tanto no âmbito pessoal,

quanto no profissional, expandindo suas competências a fim de atender as demandas institucionais, visto os desafios que enfrentarão no futuro e os conhecimentos que serão exigidos deles. Pela criação de vínculos interpessoais e do compartilhamento da cultura e valores pessoais, o intercâmbio promove conexões que podem gerar perspectivas positivas em relação ao país de origem dos intercambistas, aumentando a compreensão intercultural e reduzindo diversos estereótipos e preconceitos. Sobretudo, há um grande ganho ao se adquirir conhecimentos avançados que permitirão o desenvolvimento de inovações e excelência em diversas áreas futuras.

Logo, foi possível, ao longo deste trabalho, compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e a *Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez* (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, atingindo, assim, o objetivo geral. E, principalmente, responder à pergunta de pesquisa: “Como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA) e as nações amigas, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil?” Para o alcance futuro dos objetivos nacionais, a FAB dependerá do desenvolvimento contínuo de seus profissionais, focando nos conhecimentos, nas atitudes e nas habilidades necessárias de um líder.

A partir disso, a capacitação dos líderes deve ocorrer de forma a prepará-los para os desafios que enfrentarão ao longo de suas carreiras militares, promovendo, sobretudo, o pensamento estratégico nas relações internacionais. E, para isso, observa-se a importância dos intercâmbios acadêmicos realizados na Escola de Formação dos futuros oficiais da Força Aérea Brasileira, a Academia da Força Aérea, na construção prévia de atributos indispensáveis para a interoperabilidade brasileira, valorizando e incentivando desde cedo as melhores práticas de trabalho por meio do intercâmbio de informações e ideias. Ou seja, percebe-se diretamente a utilização de práticas baseadas no conceito de *soft power* ao trabalhar aspectos diplomáticos antes mesmo do término da formação militar.

## REFERÊNCIAS

ABEGGLEN, Christoph. **Clausewitz and Beaufre** - the relationship of politics and war. London: War Studies Program. King's College. 2000. Disponível em: [https://www.military.ch/abegglen/papers/clausewitz\\_and\\_beaufre.pdf](https://www.military.ch/abegglen/papers/clausewitz_and_beaufre.pdf). Acesso em: 04 mar. 2024.

ALMEIDA, Lia de Azevedo. Poder e políticas públicas: o que nos dizem os modelos teóricos? **Agenda Política**, São Carlos, v. 4, n.3, p. 216-237, 2016.

ARRAES, Virgílio Caixeta. No olho da águia: unilateralismo e relações internacionais. **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 46, n.2, p. 193-195, 2003.

BRANCO, Pedro Hermínio Villas Bôas. Poderes invisíveis versus poderes visíveis no Leviatã de Thomas Hobbes. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 23, p. 23-41, 2004.

BRATZEL, John; LEONARD, Thomas. **Latin America during World War II**. Maryland: Rowman & Littlefield Publishers, 2007.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. **DCA 11-45 Concepção Estratégica Força Aérea 100**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://www.fab.mil.br/Download/arquivos/FA100.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Estratégia Nacional de Defesa**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/estrategia-nacional-de-defesa-pdf>. Acesso em: 30 jul. 2023.

BRASIL. Governo Federal. **Livro Branco de Defesa Nacional**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: [https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy\\_of\\_estado-e-defesa/livro\\_branco\\_congresso\\_nacional.pdf](https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/copy_of_estado-e-defesa/livro_branco_congresso_nacional.pdf). Acesso em: 04 mar. 2024.

CULL, Nicholas John. Public diplomacy: taxonomies and histories. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science Journal**. Filadélfia, v. 616, p. 31-54, 2008.

DE ABREU, Guilherme Mattos. Reflexões sobre o *Soft Power*. **Revista da Escola de Guerra da Marinha**, Rio de Janeiro, v.19, n.1, p. 203-238, 2013.

DE MAGALHÃES, Bruno Barbosa Fett. Beaufre, Hart, Clausewitz e os desafios da Estratégia Nacional. **Hemisfério. Revista del Colegio Interamericano de Defensa**. Washington, v. 2, p. 51-62, 2016.

FERREIRA, Miguel; VALÉRIO, Tiago; MOREIRA, Sérgio. Recensão crítica ao livro “Introdução à estratégia”, de André Beaufre. **Revista Proelium**, Lisboa, v. VIII, n. 1, p. 255-273, 2018.

FIORIN, José Luiz. Língua, identidades e fronteiras. **Revista Diversitas**, São Paulo, v.1, n. 1, p.147-164, 2013.

FOUCAULT, Michel. The subject and power. **Critical inquiry**, Chicago, v. 8, n. 4, p. 777-795, 1982.

HERB, Karlfriedrich. Além do bem e do mal: o poder em Maquiavel, Hobbes, Arendt e Foucault. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 10, p. 267-284, 2013.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução: João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LIMA, Sérgio Eduardo Moreira. **Varnhagen (1816-1878): diplomacia e pensamento estratégico**. Brasília: FUNAG, 2016.

LUIZ, Felipe. Clausewitz, Liddel Hart, Beaufre, Foucault: o conceito filosófico de estratégia. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro, n.34, p.192-203, 2020.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O Príncipe**. Tradução: Mário e Celestino da Silva Brasília: Senado Federal, 2019.

MACHADO, Maria Cláudia de Jesus. **Ensino de Espanhol e suas Implicações para a Integração e a Cooperação Militar na América do Sul: Percepções, Cultura e Identidade**. Orientadora: Maria Célia Barbosa Reis da Silva. 2016. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciências Aeroespaciais). Universidade da Força Aérea, Rio de Janeiro, 2016.

MCCLORY, Jonathan. **The Soft Power 30: a global ranking of soft power**. Portland: USC Center on Public Diplomacy, 2015.

NYE, Joseph Samuel. **Bound to lead: the changing nature of american power**. New York: Basic Books, 1990.

NYE, Joseph Samuel. **The paradox of american power: why the world's only superpower can't go it alone**. New York: Oxford University Press, 2002.

NYE, Joseph Samuel. **Soft power: the means to success in world politics**. New York: Public Affairs, 2004.

PERLE, Richard; FRUM, David. **An end to evil: how to win the war on terror**. New York: Ballantine Books, 2004.

PÉRICO, Franco; GONÇALVES, Roberto. Intercâmbio acadêmico: as dificuldades de adaptação e de readaptação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-21, 2018.

PINTO, Paulo Cordeiro de Andrade. **Diplomacia e política de defesa: o Brasil no debate sobre a segurança hemisférica na década pós-Guerra Fria (1990 -2000)**. Brasília: FUNAG, 2015.

SOUZA, Daniella Duarte Araújo de; MACHADO, Maria Cláudia de Jesus; SOAREZ, Ana Carolina Aparecida Marques.

SAMPAIO, Daniella Ferreira Coelho. **Estratégias e efeitos da política da boa vizinhança no Brasil**. Universidade de Brasília - Instituto de Relações Internacionais, 2011. Disponível em:

[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2408/1/2011\\_DaniellaFerreiraCoelhoSampaio.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/2408/1/2011_DaniellaFerreiraCoelhoSampaio.pdf)

Acesso em: 04 mar. 2024.

SCHOULTZ, Lars. **Beneath the United States**: a history of U.S. policy toward Latin America. Estados Unidos: Harvard University Press, 1998.

TOTA, Antonio Pedro. **O Imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TZU, Sun; PIN, Sun. **A arte da guerra**. Tradução: Ralph D. Sawyer. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. v. 1.

WINTER, Lairton Moacir. A concepção de Estado e de poder político em Maquiavel. **Tempo da Ciência**, Toledo, v.13, n. 25, p. 117-128, 2006.

## APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO AOS CADETES

A fim de compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e a Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, foi elaborado este questionário para um melhor embasamento da pesquisa, com relatos dos cadetes ambientados com o assunto, além de auxiliar no enriquecimento do trabalho. Para isso, busque responder as perguntas com atenção e de forma mais sincera possível.

Assinale o grupo no qual você se insere.

Cadetes brasileiros que realizaram intercâmbio acadêmico em 2023 com a:

(\_\_\_\_\_) United States Air Force Academy

(\_\_\_\_\_) Escuela Militar de Aviación “Marco Fidel Suárez”

1. Antes do início da missão, vocês receberam alguma instrução de caráter sociocultural/militar sobre o país de destino? Em caso afirmativo, explicar.
2. Existem atividades nas academias militares que promovam aproximações entre os intercambistas e o país sede? Em caso afirmativo, explicar.
3. Na sua opinião, quais podem ser as implicações da participação em um programa de intercâmbio, considerando o âmbito pessoal e militar da FAB (valores, visão de mundo...)? E para o seu país?
4. Você poderia fazer alguma observação relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio?
5. Você gostaria de acrescentar considerações finais a este questionário?

## **APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS**

### **Chefe da Divisão de Ensino**

A fim de compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e a Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, foi elaborado este questionário para um melhor embasamento da pesquisa, com relatos daqueles mais ambientados com o assunto, além de auxiliar no enriquecimento do trabalho. Para isso, busque responder as perguntas com atenção e de forma mais sincera possível.

1. Como o senhor vê a participação do Brasil, especialmente por meio da atuação da FAB no contexto das relações internacionais, considerando o continente americano?
2. Quais podem ser as implicações de se participar/sediar os programas de intercâmbio?
3. O senhor poderia fazer alguma observação sobre sua experiência relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio?
4. O senhor gostaria de acrescentar considerações finais a este questionário?

## APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS

### Oficial da AFA que participou de Intercâmbio

A fim de compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) e a Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, foi elaborado este questionário para um melhor embasamento da pesquisa, com relatos daqueles mais ambientados com o assunto, além de auxiliar no enriquecimento do trabalho. Para isso, busque responder as perguntas com atenção e de forma mais sincera possível.

1. Como o senhor vê a participação do Brasil, especialmente por meio da atuação da FAB no contexto das relações internacionais, considerando o continente americano?
2. Quais podem ser as implicações de se participar/sediar os programas de intercâmbio?
3. O senhor poderia fazer alguma observação sobre sua experiência relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio?
4. O senhor gostaria de acrescentar considerações finais a este questionário?

## **APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS**

### **Comandante da Academia da Força Aérea**

A fim de compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAFA) e a Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, foi elaborado este questionário para um melhor embasamento da pesquisa, com relatos daqueles mais ambientados com o assunto, além de auxiliar no enriquecimento do trabalho. Para isso, busque responder as perguntas com atenção e de forma mais sincera possível.

1. Como o senhor vê a participação do Brasil, especialmente por meio da atuação da FAB no contexto das relações internacionais, considerando o continente americano?
2. Quais podem ser as implicações de se participar/sediar os programas de intercâmbio?
3. Existem atividades nas academias militares que promovam aproximações entre os intercambistas e o país sede?
4. Quando cadete, o senhor se lembra se já havia intenções de aproximação entre os cadetes nacionais e de nações amigas?
5. O senhor poderia fazer alguma observação relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio?
6. O senhor gostaria de acrescentar considerações finais a este questionário?

**APÊNDICE E - QUESTIONÁRIO AOS OFICIAIS**  
**Oficial da Seção de Programas Internacionais da AFA**

A fim de compreender como o intercâmbio acadêmico recíproco, que ocorre entre a Academia da Força Aérea brasileira (AFA), a Academia da Força Aérea dos Estados Unidos (USAF) e a Escuela Militar de Aviación Marco Fidel Suárez (EMAVI) da Colômbia, pode constituir um fator gerador de *soft power* para o Brasil, foi elaborado este questionário para um melhor embasamento da pesquisa, com relatos daqueles mais ambientados com o assunto, além de auxiliar no enriquecimento do trabalho. Para isso, busque responder as perguntas com atenção e de forma mais sincera possível.

1. Qual o motivo da existência do intercâmbio na AFA?
2. Antes dos intercambistas saírem de seus respectivos países, os militares brasileiros recebem alguma instrução de caráter sociocultural/militar sobre o país de destino?
3. O senhor tem conhecimento de alguma ação institucional que promova a integração entre os cadetes nacionais e de nações amigas? (sponsor)
4. O senhor poderia fazer alguma observação relacionada ao envolvimento do Brasil no intercâmbio?
5. O senhor gostaria de acrescentar considerações finais a este questionário?